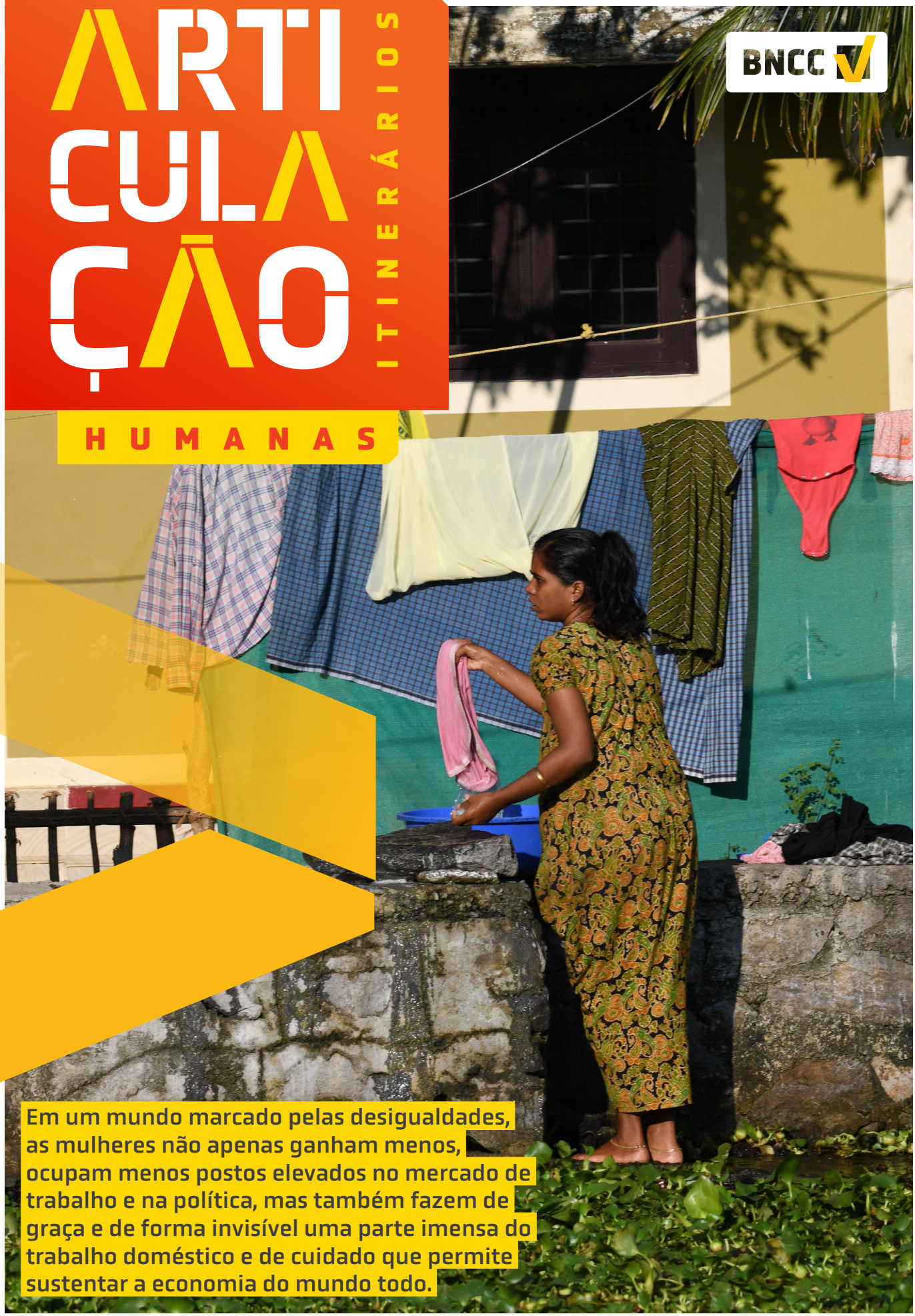
MAIO | 2020 EDIÇÃO Nº 5

ARTICULAÇÃO

ITINERÁRIOS

HUMANAS



Em um mundo marcado pelas desigualdades, as mulheres não apenas ganham menos, ocupam menos postos elevados no mercado de trabalho e na política, mas também fazem de graça e de forma invisível uma parte imensa do trabalho doméstico e de cuidado que permite sustentar a economia do mundo todo.

CONTATO IMEDIATO

O QUE FALAM SOBRE O ASSUNTO DESTA EDIÇÃO?

Mulheres fazem 75% de todo o trabalho de cuidados não remunerado do mundo

Estudo da Oxfam mostra que a força de trabalho feminina é invisível para o mercado.

Amelia Gonzalez

O cuidado de idosos é uma tarefa normalmente atribuída às mulheres, em troca de uma baixa remuneração ou, em muitos casos, sem nenhuma remuneração.

Há hábitos e rotinas que não escravizam, como usualmente. Em vez disso, devem ser mantidos, para que a hipótese de constância possa ampliar uma rede de pensamentos e boas informações. Todos os anos, um dia antes de começar o Fórum Econômico Mundial, reunião de líderes e empresários abastados, a ONG Oxfam publica um relatório mostrando uma das múltiplas faces de seu tema de abrangência: a desigualdade social.

Este ano não foi diferente. Ontem (19) à noite saiu do forno o relatório "Tempo de cuidar", em que os estudiosos se debruçaram, mais uma vez, sobre um conteúdo que mostra o lado mais perverso do atual sistema econômico. Em resumo, 2.153 pessoas têm agora mais dinheiro do que os 4,6 bilhões de pessoas mais pobres do planeta.

Mas quando se reflete sobre desigualdade, nada pode ser resumido. O relatório traz múltiplas informações, e eu busquei me deter naquela que dá título ao estudo. Tenho pensado muito sobre o trabalho das cuidadoras, não só por causa de visitas regulares a uma clínica geriátrica onde está a mãe de um amigo, como porque moro num bairro que, felizmente, tem bastante cabecinhas brancas, e elas são muito bem cuidadas.

A tecnologia está nos proporcionando uma vida mais longa, e é preciso saber lidar com algumas privações que um corpo idoso oferece, oferecendo a ele mãos seguras que o amparem nos momentos de necessidade.

A questão é que esta é uma das faces da desigualdade que vem se perpetuando no tempo. O trabalho das mulheres que cuidam, não só dos idosos como das crianças, embora seja crucial para o desenvolvimento de um país – como imaginar um alto executivo sem alguém na retaguarda, cuidando de sua casa e família, dando-lhe tranquilidade para tomar decisões importantes? – vem sendo recorrentemente subestimado.

"Enfermeiras, faxineiras, trabalhadoras domésticas e cuidadoras são em geral mal pagas, têm poucos benefícios e trabalham em horários irregulares, além de sofrerem problemas físicos e emocionais", diz o relatório.

A Oxfam é uma rede internacional de organizações da sociedade civil dedicadas ao combate à pobreza e à desigualdade social. Ela tem inúmeras publicações sobre esse tema, como o relatório **Tempo de cuidar**, publicado em 2020. Assista ao vídeo e conheça alguns resultados apresentados por ele.

https://ftd.li/jjck8i

Muitas meninas são encarregadas de tarefas domésticas pesadas desde a infância, de maneira muito desigual em relação aos meninos. Isso pode afetar até mesmo a sua escolaridade, já que muitas deixam a escola para ajudar nas tarefas domésticas da família.

E o problema deve se agravar na próxima década conforme a população mundial aumenta e envelhece. Estima-se que 2,3 bilhões de pessoas vão precisar de cuidados em 2030 — um aumento de 200 milhões desde 2015. No Brasil, em 2050, serão cerca de 77 milhões de pessoas a depender de cuidado (pouco mais de um terço da população estimada) entre idosos e crianças, segundo dados do IBGE.

A Oxfam calculou que esse trabalho agrega pelo menos US$ 10,8 trilhões à economia e que a maioria desses benefícios financeiros reverte para os mais ricos, que em grande parte são homens, avalia o estudo.

No texto de apresentação à imprensa, a diretora executiva da Oxfam Brasil, Katia Maia, lembra que "milhões de mulheres e meninas passam boa parte de suas vidas fazendo trabalho doméstico e de cuidado, sem remuneração e sem acesso a serviços públicos que possam ajudá-las nessas tarefas tão importantes".

As mulheres fazem mais de 75% de todo o trabalho de cuidado não remunerado do mundo e, frequentemente, segundo os dados do relatório da Oxfam, "elas trabalham menos horas em seus empregos ou têm que abandoná-los por causa da carga horária com o cuidado. Em todo mundo, 42% das mulheres não conseguem um emprego porque são responsáveis por todo o trabalho de cuidado — entre os homens, esse percentual é de apenas 6%".

Esses dados estarão sendo veiculados amanhã, na abertura do Fórum, para os ricos e empoderados senhores que estarão reunidos na gélida cidade suíça de Davos. Será que desta vez, ao menos, sairá dali alguma resolução que possa ajudar a dar os primeiros passos num problema que há décadas está estagnado?

No apagar das luzes do século XX, o embaixador de carreira e representante do Irã nas Nações Unidas Majid Rahnema compilou no livro "The post-development reader", ainda sem tradução no Brasil, mais de trinta artigos de estudiosos do mundo todo, com o objetivo de oferecer aos estudantes dados que pudessem ampliar o conhecimento sobre os mitos e as realidades a respeito do desenvolvimento.

No artigo escrito por Pam Simmons, chamado “Mulheres no desenvolvimento, uma ameaça à liberação”, a autora conta que já em 1975, na Conferência das Mulheres convocada pelas Nações Unidas no México, fez–se a denúncia de que as mulheres têm sido recorrentemente ignoradas em todas as políticas desenhadas para o desenvolvimento. Quase meio século depois o não reconhecimento permanece.

Quem primeiro escreveu sobre este estado de invisibilidade das mulheres para o mundo do progresso foi a economista dinamarquesa Ester Boserup, em 1970. No livro “Woman’s Role in Economic Development” (O papel da mulher no desenvolvimento econômico”, em tradução literal), também sem tradução no Brasil, Boserup foca o trabalho na agricultura.

E questiona o pensamento estagnado (olhem aí o lado nocivo do hábito) que considera “natural” a divisão de tarefas de trabalho, sobretudo na agricultura, que leva em conta o gênero. E faz uma provocação, lembrando que em algumas culturas a carga de trabalho segue regras completamente diferentes daquela em que ao homem são destinadas tarefas ditas pesadas, como caçar, e às mulheres resta todo o trabalho restante, não só de limpar o ambiente como de cozinhar e organizar a casa.

“E essas culturas também acham natural seu jeito de ser”, comenta a economista.

Mas, em geral, de fato no mundo agrícola quem aprende a lidar com as máquinas é o homem, enquanto as mulheres permanecem fazendo o trabalho com as mãos. Ester Boserup se preocupa bastante com os países pobres, foca a situação das mulheres em locais, como na Índia, onde o trabalho feminino cresceu na construção civil porque são elas que se subjugam a fazer tarefas como carregar cimento na cabeça por baixos salários.

Ao lado de Gloria Steinem e Helvi Sipila, mulheres se manifestam na sede da ONU, em dezembro de 1975, denunciando a discriminação contra as funcionárias da própria entidade. O ano de 1975, em que a ONU realizou a Primeira Conferência Mundial da Mulher, foi proclamado pela assembleia da entidade como Ano Internacional da Mulher.

Mas cita também os Estados Unidos, onde o uso das máquinas vem sendo preferido ao uso de mãos humanas na agricultura, mas, em proporção, aumenta o número de mão de obra feminina — e mal paga — nos campos.

Não são dados contemporâneos, certamente, mas conhecer o trabalho de Ester Boserup dá a dimensão de quão ignoradas são as recomendações para que se tire da invisibilidade a mão de obra feminina no mundo. Uma nova visão é preciso, alertou Pam Simmons em seu artigo escrito há pouco mais de duas décadas.

Ela denuncia a opressão, feita por um poderoso grupo de homens, sobre as mulheres em todas as áreas, quer seja em países pobres como nos ricos. E fala às mulheres de países ricos: "É preciso combater a dominação 'em casa'".

"No fim das contas, são os homens do Primeiro Mundo que possuem as maiores empresas, controlam as organizações internacionais, dominam os 'think-tanks' e visitam os bordéis nos centros de turismo do Terceiro Mundo e esperam deferência por parte de quem eles, financeiramente, 'suportam'", escreve ela.

Fazer contato é o caminho que pode começar a desestruturar esta dramática realidade. Para isto, Simmons se reuniu com outras mulheres e conseguiu facilitar a comunicação entre a força feminina de países pobres e ricos. Eis a conclusão de uma estudante indiana que participou do encontro:

"Sempre pensei que os valores ocidentais eram bons para o povo do Ocidente e que os valores orientais eram bons para o povo do Oriente. Agora eu sei que os valores ocidentais não são bons para o povo do Ocidente".

Muita coisa está fora da ordem, não só no mundo feminino, e não só no Ocidente, não só no Oriente. Por isso é preciso transpor fronteiras e espraiar mais e mais conhecimento, informação, dados, estudos. É no que acredito.

GONZALEZ, Amelia. Mulheres fazem 75% de todo o trabalho de cuidados não remunerado no mundo. **G1**, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/blog/amelia-gonzalez/post/2020/01/20/mulheres-fazem-75percent-de-todo-o-trabalho-de-cuidados-nao-remunerado-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 23 mar. 2020.

> Trabalho não pago das mulheres de todo o mundo equivale a 43 vezes o faturamento da Apple, num ano

Se o cuidado com a casa, filhos e idosos da família fosse realizado por uma única empresa, ela faturaria US$ 10 trilhões por ano, estima Oxfam

Se todo o trabalho não remunerado (cuidado da casa, dos filhos, idosos e parentes doentes) feito por mulheres no mundo fosse realizado por uma única empresa, ela teria um faturamento anual de US$ 10 trilhões – o equivalente a 43 vezes o da Apple. Os dados são de estudo divulgado pela organização internacional de combate à pobreza e desigualdade Oxfam, durante a realização do Fórum Econômico de Davos, na Suíça. Estima-se que a contribuição não remunerada das mulheres para o setor da saúde equivalha a aproximadamente 3% do PIB de países de baixa renda.

Segundo o relatório, esse trabalho rouba tempo das mulheres, contribui para sua saúde precária e as impede de aproveitar oportunidades educacionais, políticas e econômicas. As mulheres pobres têm a maior carga de trabalho não remunerado. Ao mesmo tempo, destaca o documento, a prosperidade econômica da humanidade depende da contribuição das mulheres por meio do trabalho de cuidado não remunerado.

O estudo também mostra que a maioria das pessoas mais ricas do mundo é do sexo masculino, em nível global as mulheres ganham 23% menos que os homens e eles detêm 50% a mais da riqueza total do que elas.

Por conta desses números, dentre os três pilares que a entidade sugere como fundamentais para os países adotarem no combate à desigualdade, está "liberar o tempo das mulheres, reduzindo os milhões de horas não remuneradas que elas passam cuidando de suas famílias e lares". Os outros dois são aumentar a tributação sobre empresas e mais ricos e melhorar o acesso aos serviços públicos.

Segundo a Oxfam, é preciso "permitir que quem faz esse trabalho essencial tenha voz nas decisões orçamentárias e fazer da liberação do tempo das mulheres um objetivo fundamental dos gastos públicos. Investir em serviços públicos, incluindo água, eletricidade e creches, que reduzam o tempo necessário para realizar esse trabalho não remunerado. Construir todos os serviços públicos de maneira que eles funcionem para quem tem pouco tempo livre".

Trabalho não pago das mulheres de todo o mundo equivale a 43 vezes o faturamento da Apple, num ano. **O Globo**, 22 jan. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/trabalho-nao-pago-das-mulheres-de-todo-mundo-equivale-43-vezes-faturamento-da-apple-num-ano-23391792>. Acesso em: 23 mar. 2020.

Manifestantes no Quênia pedem ao Fórum Econômico de Davos que tome medidas para combater a desigualdade no mundo.

DIÁLOGO ABERTO

CONHEÇA A OPINIÃO DE QUEM ESTUDA O ASSUNTO.

Mulheres, cuidado e trabalho não pago: dados e fundamentos

Maíra Kubík Mano

Em um salão cuidadosamente decorado nas cores rosa e azul, uma mulher, grávida de cinco meses, corta um bolo. A expectativa é grande: dependendo da cor do recheio, saberá se o bebê que espera é um menino ou uma menina. Assim que a primeira fatia revelar seu sexo, ele passará a ser tratado de acordo com expectativas diversas. Que brinquedos essa criança ganhará? Armas, robôs, carrinhos, bolas? Bonecas, fogões, vassouras? Quais de suas qualidades serão motivo de elogios por parte dos adultos de sua convivência? Força e coragem? Beleza e doçura? Que tarefas aprenderá a fazer em casa? Lavar o carro? Varrer o chão?

O cuidado com a casa está em muitos brinquedos e brincadeiras. Qual será o público imaginado para esta cozinha de brinquedo?

Desde a infância, as pessoas têm sua relação com o mundo mediada justamente por essa condição — a de terem nascido como indivíduos do sexo feminino ou do sexo masculino, o que vai assim delimitando aquilo que devemos ser para nos adequarmos à sociedade. Podemos dizer que essa diferenciação está relacionada ao que chamamos de divisão sexual do trabalho. Para entender melhor o que isso significa, podemos recorrer a dados e informações sobre o envolvimento dos homens e das mulheres nas diferentes atividades necessárias à organização e ao funcionamento da sociedade, e também às sistematizações teóricas feitas sobre o tema.

A socióloga francesa Danièle Kergoat, por exemplo, nos explica em seus trabalhos que a divisão sexual do trabalho se efetiva de acordo com modelos que são constituídos histórica e socialmente, com base em dois princípios: o da separação (há trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o da hierarquia (um trabalho de homem "vale" mais que um trabalho de mulher). A consequência disso é que, de forma majoritária, os homens ocupam funções que facilmente aparecem como produtivas e carregam forte valor social agregado, como a política e a liderança religiosa e militar, enquanto as mulheres são as principais responsáveis pela realização daquilo que é chamado de trabalho reprodutivo.

A sobrecarga com as tarefas domésticas é uma realidade que marca a vida das mulheres ao redor do mundo.

De maneira geral, o trabalho reprodutivo tem menor prestígio social, frequentemente não é remunerado e, muitas vezes, sequer é visto como trabalho — por isso também é conhecido como "trabalho invisível". O trabalho doméstico constitui boa parte desse tipo de atividade, e diz respeito a todas aquelas tarefas relacionadas ao funcionamento da residência e à manutenção do cotidiano das pessoas que nela moram: fazer faxina, cozinhar, lavar e passar as roupas etc. No campo do trabalho reprodutivo também se destaca o trabalho do cuidado, entendido mais especificamente como aquele necessário para a manutenção da vida e do bem-estar de pessoas idosas, doentes ou crianças. Outro exemplo de trabalho reprodutivo, que muitas vezes nem é percebido pelas pessoas, é o de amparo psicológico, desenvolvido para dar estabilidade ao grupo familiar. Muitas vezes, ele integra ainda aquilo que ficou conhecido como "carga mental", em referência a todo o universo de conhecimentos e preocupações que as mulheres carregam a respeito das demandas da casa e dos filhos: quais produtos de limpeza e itens alimentícios precisam ser comprados, quando e em que quantidade; quando a criança tem lição de casa para fazer, ou uma consulta médica, ou ainda se já tomou as vacinas necessárias etc.

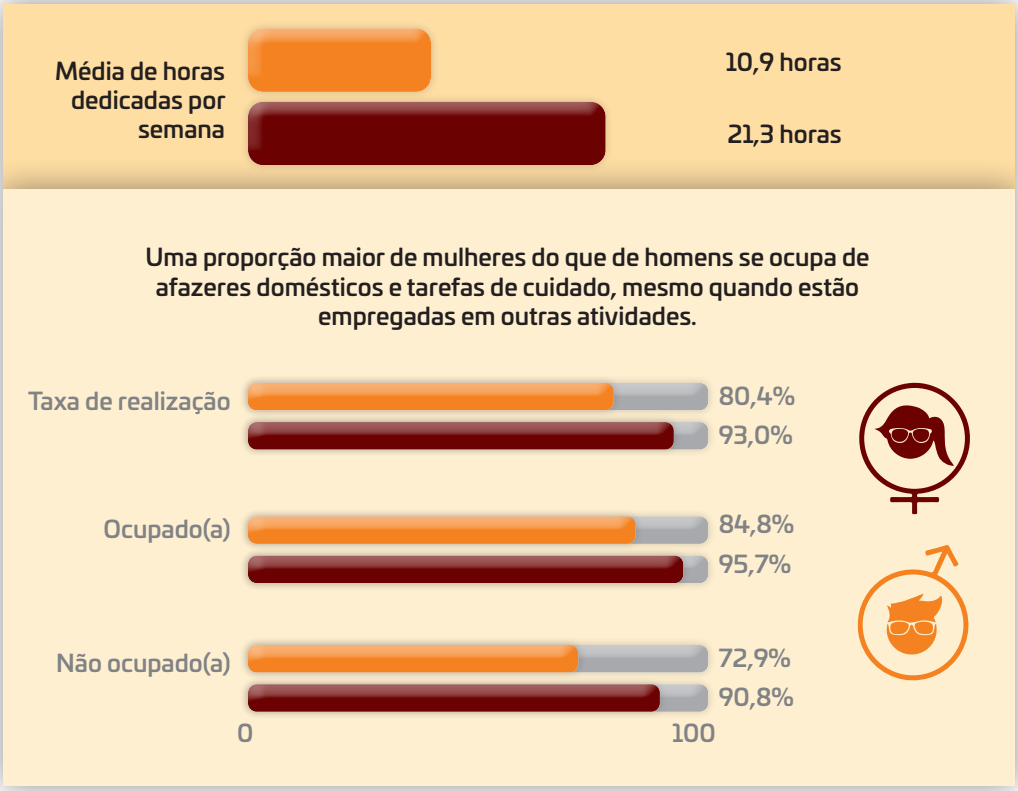
Como as mulheres são, em geral, as principais responsáveis por todos esses tipos de trabalho, elas frequentemente acabam tendo praticamente todo o seu tempo apropriado pelo conjunto dessas obrigações: quando se trata do trabalho reprodutivo, não há remuneração, nem descanso — as mulheres não recebem salário nem adicional noturno por fazerem o jantar de sua família ou acordarem de madrugada para dar assistência a um bebê chorando.

Pense rapidamente sobre a sua própria casa: Quem é responsável por fazer o quê? Qual tarefa cabe a cada pessoa? Essa descrição faz sentido para você? E você, como contribui para as tarefas do lar?

Além de tudo isso, muitas mulheres também trabalham fora de casa, acumulando as tarefas externas e aquelas internas ao lar. Assim, em média, elas cumprem jornadas de trabalho de 8, 9 ou até 10 horas por dia e, quando chegam em casa, ainda têm uma lista interminável de tarefas

a fazer. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[1], em 2018, as mulheres dedicaram, em média, 21,3 horas por semana com afazeres domésticos e cuidado de pessoas, quase o dobro do que os homens gastaram com as mesmas tarefas: 10,9 horas.

AFAZERES DOMÉSTICOS E CUIDADO DE PESSOAS EM 2018



Fonte: IBGE – PNAD Contínua – Outras Formas de Trabalho.

Outra consideração ainda pode integrar nossas reflexões: considerando como os Estados nação modernos são perpassados por uma matriz de funcionamento do modo de produção escravista, é importante fazer o recorte racial nessa discussão. No Brasil, por exemplo, entre as classes médias e altas, o trabalho doméstico e de cuidado é realizado muitas vezes pelas empregadas domésticas, frequentemente negras. Trata-se de uma continuidade histórica do que havia no período da escravidão.

Já para as famílias de baixa renda, a solução costumam ser os arranjos informais. As crianças são deixadas com vizinhas ou parentes, em geral também mulheres, para que suas mães possam trabalhar. Como aponta a pesquisa de Luana Passos de Sousa e Dyeggo Rocha Guedes, que traz dados de 2014, entre as famílias que compõem os 10% mais pobres do Brasil, apenas 14% das crianças de 0 a 3 anos frequentaram creches[2] — ou seja, 86% delas devem ter ficado sob os cuidados da própria mãe, que desse modo teve dificuldades redobradas para exercer uma atividade que lhe fornecesse alguma renda, ou sob cuidados informais de conhecidos ou familiares.

1. NETO, João. Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas. **Agência IBGE Notícias**, 31 maio 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas>. Acesso em: 23 mar. 2020.

2. SOUZA, Luana Passo; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 87, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123>. Acesso em: 23 mar. 2020.

E há ainda a situação das mulheres que compõem as famílias monoparentais — que em 2015 somavam 11,6 milhões no Brasil —, formadas por mulheres sem cônjuge e com filhos, que forçosamente desenvolvem sozinhas todas as tarefas descritas anteriormente. Nesses cenários, a carga de trabalho reprodutivo é ainda mais esmagadora, acumulando-se às outras demandas da vida dessas mulheres.

No entanto, é importante compreender que o fato de as mulheres se ocuparem muito mais fortemente das tarefas relacionadas ao trabalho reprodutivo e ao âmbito doméstico ou privado possibilita a produção da riqueza e o funcionamento da economia. É por meio desse trabalho muitas vezes invisível que se garante a manutenção da vida e do cotidiano — de sua própria família e também de outras, no caso das empregadas domésticas e cuidadoras, por exemplo —, possibilitando inclusive o trabalho produtivo realizado pelos indivíduos de cujas tarefas reprodutivas elas se encarregam.

É isso que ocorre quando, ao oferecerem sua mão de obra a baixo custo para cuidar da casa e dos filhos de famílias mais abastadas, empregadas domésticas, babás e cuidadoras permitem que indivíduos de classes sociais mais elevadas participem de forma mais ampla da vida pública e assumam posições que o mercado de trabalho absorve, pois assim se veem liberados de investir seu tempo nas tarefas domésticas.

Quanto enxergamos do trabalho invisível majoritariamente feito pelas mulheres e que ajuda a sociedade inteira a funcionar? O documentário da Sempreviva Organização Feminista (SOF) ajuda a pensar um pouco sobre esse tema.

https://ftd.li/posmpg

O trabalho de babás, empregadas domésticas e cuidadoras é o que viabiliza a participação de muitos profissionais no mercado de trabalho.

Ainda, ao realizarem os trabalhos de cuidado sem remuneração ou com uma remuneração muito baixa, as mulheres assumem, de maneira precarizada, a tarefa de cumprir uma lacuna deixada pelo Estado, que deveria assegurar as necessidades de cuidado a seus cidadãos por meio da oferta, em quantidade e qualidade adequadas, de serviços públicos, tais como lavanderias coletivas, restaurantes populares, casas de repouso e creches.

Segundo estimativa apresentada pela Oxfam em seu mais recente relatório[3], o trabalho de cuidado prestado pelas mulheres gratuitamente equivale, em termos econômicos, a US$ 10,8 trilhões. Para entender a dimensão desse montante, podemos imaginar que, se todo o trabalho de cuidado não remunerado realizado pelas mulheres fosse prestado por uma empresa, essa empresa seria maior, em termos financeiros, do que todo o setor de tecnologia do mundo hoje, e a riqueza produzida por ela seria mais de cinco vezes maior do que o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil em 2018[4].

Assim, é relevante considerar a divisão sexual do trabalho quando se reflete sobre as desigualdades socioeconômicas que marcam a sociedade. Ainda segundo informações da Oxfam, as mulheres são largamente majoritárias na base da pirâmide da riqueza. Em uma média mundial, os homens possuem 50% a mais de riqueza do que as mulheres. Recortes de raça e região nos dados apresentados pela Oxfam geram comparações ainda mais impactantes: os 22 homens mais ricos do mundo possuem a mesma riqueza que todas as mulheres da África.

Para transformar significativamente a divisão sexual do trabalho e as desigualdades que ela implica, é crucial pensar de forma estrutural, sem se apegar a exemplos isolados e individuais — afinal, se algumas mulheres hoje não realizam esse trabalho reprodutivo ou o realizam de maneira bastante reduzida, essa é a realidade apenas de uma parcela muito pequena entre elas. Isso significa propor novas formas de regulação da produção de riqueza, garantindo remuneração adequada a todo trabalho, inclusive ao trabalho reprodutivo, além da oferta de serviços públicos em quantidade e qualidade suficientes para a população.

---

3. OXFAM. **Tempo de cuidar**. 2020. Disponível em: <https://rdstation-static.s3.amazonaws.com/cms/files/115321/1579272776200120_Tempo_de_Cuidar_PT-BR_sumario_executivo.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2020.

4. Dados do Banco Mundial. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=BR>. Acesso em: 23 mar. 2020.

Maíra Kubík Mano é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

É HORA DE CUIDAR DE QUEM CUIDA

Em 2019, os bilionários do mundo, que somam apenas **2 153 PESSOAS**, detinham juntos mais riqueza do que **4,6 BILHÕES DE PESSOAS**.

Os 22 homens mais ricos do mundo detêm mais riqueza do que todas as mulheres que vivem na África.

Uma pessoa que tivesse poupado US$ 10.000 por dia desde que as pirâmides começaram a ser construídas no Egito teria hoje apenas um quinto da soma da fortuna média dos cinco bilionários mais ricos do mundo.

O **1% MAIS RICO DO MUNDO** detém mais que o dobro da riqueza de **6,9 BILHÕES DE PESSOAS**.

O valor monetário global do **TRABALHO DE CUIDADO NÃO REMUNERADO** prestado por mulheres a partir da faixa etária de 15 anos é de US$ 10,8 trilhões por ano – três vezes maior do que o estimado para todo o **SETOR DE TECNOLOGIA DO MUNDO**.

Uma tributação adicional de 0,5% sobre a riqueza do 1% mais rico nos próximos 10 anos equivale aos investimentos necessários para se criar:

117 MILHÕES DE EMPREGOS em setores como o de educação, saúde e assistência a idosos e eliminar déficits na prestação de cuidados.

OXFAM INTERNACIONAL. **Tempo de cuidar**. jan. 2020. p. 4. Disponível em: <https://oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

O trabalho invisível das mulheres

Realizado majoritariamente pelas mulheres, o trabalho reprodutivo é comumente chamado de "trabalho invisível" — ele existe, mas ninguém o vê. Todos precisam de roupas limpas para ir ao trabalho, à escola ou para passear; todos precisam comer, viver em um ambiente limpo e ser emocionalmente acolhidos. Sem estarmos bem, física e mentalmente, as outras atividades — o trabalho, as brincadeiras e os estudos, por exemplo — não poderiam ser desenvolvidas.

Para aprofundar as reflexões sobre o trabalho reprodutivo e a divisão sexual do trabalho, realize a proposta de atividade a seguir, dividida em duas partes.

IC MIS EMP

> Investigação Científica
> Mediação e Intervenção Sociocultural

1. Converse com mulheres da sua família sobre os afazeres domésticos que elas realizam em casa, ou na casa de outras pessoas (caso trabalhem como empregadas domésticas, cozinheiras, faxineiras, diaristas, cuidadoras etc.). Pergunte como elas se sentem sobre esse trabalho, quando começaram a realizá-lo, se acham que as tarefas poderiam ser mais bem divididas. Fazer uma tabela, como a sugerida a seguir, pode ajudar a organizar sua entrevista e os dados obtidos.

Nome	
Idade	
Quando começou a ser responsável pelas tarefas do trabalho reprodutivo?	
Qual profissão desempenha na esfera do trabalho produtivo?	
Quais principais trabalhos reprodutivos realiza em casa?	
Como pensa que as tarefas reprodutivas poderiam ser mais bem divididas?	

TRABALHANDO A DISTÂNCIA

A atividade foi pensada para poder ser feita fora da sala de aula, se a escola estiver fechada por precaução quanto à covid-19. Podem ser usados dispositivos tecnológicos para as discussões em grupo, planilhas e editores de texto compartilhados, aplicativos de mensagens de texto, redes sociais, entre outros.

Prepare uma apresentação dos seus dados e compartilhe com seus colegas. Comparem as informações recebidas, observando, por exemplo, se mulheres de determinada faixa etária dão respostas mais ou menos semelhantes, ou quais tarefas a maior parte delas diz realizar. Isso pode ser feito presencialmente, se possível, ou também por meio de um fórum da internet, *chat* virtual ou videoconferência, o que permite inclusive utilizar recursos como vídeos, *GIFs*, fotos e afins.

2. Acesse o relatório **Empoderamento econômico das mulheres no Brasil — pela valorização do trabalho doméstico e do cuidado** e leia, nas páginas 19 e 20, o item "Sobre as propostas de políticas para o trabalho doméstico e de cuidados: sugestões e recomendações" (disponível em: <http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2018/09/trabalhos_domesticos_cuidados_-_diagramado_final_2.pdf>).

Liste quais políticas públicas são apontadas para as mulheres urbanas e assalariadas e quais são apontadas para as mulheres em regiões rurais de forma a mitigar a carga do trabalho reprodutivo na vida desses sujeitos.

Indique, também, refletindo sobre tudo o que leu nesta edição do **Articulação**, outras medidas que poderiam ser adotadas. Depois, retome a tabela elaborada na primeira parte da atividade e reflita sobre como essas políticas poderiam impactar na carga de trabalho reprodutivo que a mulher entrevistada por você elencou.

Por exemplo:

Política: redução da jornada de trabalho aliada a uma remuneração justa

Impacto: mais tempo livre para as mulheres — possibilidade de terem mais tempo de descanso, ou de se dedicarem a uma tarefa apenas para si mesmas

Socialize com os colegas os resultados da sua pesquisa — mais uma vez, podem ser utilizados espaços e ferramentas digitais para isso. Você pode criar uma *thread* no Twitter, uma série de imagens para o Instagram, uma sequência de vídeos para o TikTok, uma corrente no WhatsApp, ou desenhar um infográfico para ilustrar sua produção.

SUGESTÕES DE TRABALHO

POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO

Na BNCC:
- EMIFCG03
- EMIFCG08
- EMIFCG09
- EMIFCHSA02
- EMIFCHSA08
- EMIFCHSA09

Conteúdos abordados:
- Trabalho produtivo e reprodutivo
- Mulheres e trabalho não pago
- Desigualdade entre homens e mulheres

A atividade proposta nesta edição pode ajudar a sensibilizar os alunos para a existência de um trabalho invisível que contribui para a sobrecarga das mulheres e as desigualdades sociais, ao mesmo tempo em que permite aprofundar os conhecimentos sobre essa questão.

O movimento da atividade pede aos estudantes e às estudantes que iniciem seu trabalho procurando conhecer realidades singulares, observadas em seus círculos de convivência, e em seguida explorem um documento que sistematiza dados relacionados à questão em foco, propondo inclusive políticas públicas. Assim, pode ser frutífero chamar sua atenção para a importância desse movimento em termos de método de pesquisa, observando que o conhecimento de uma realidade social pode se beneficiar da pesquisa empírica e qualitativa, ao mesmo tempo em que também pode recorrer às sistematizações e teorias já produzidas, que ajudam a compreender diferentes casos de estudo.

É importante estar atento para alguns cuidados que devem ser tomados ao se empreender um trabalho de pesquisa qualitativa que inclui a entrevista de pessoas, como esclarecê-las sobre o objetivo da pesquisa, pedir sua autorização para o uso dos dados e preservar sua identidade, se assim preferirem.

Por fim, a atividade é uma oportunidade de uso de ferramentas virtuais, que permitem a continuidade dos estudos, seja em grupos reunidos presencialmente, seja por meio de ferramentas de comunicação *on-line*.

Da informação à reflexão: dados e fontes em Ciências Humanas

Neste ciclo 2020, **Articulação Itinerários CHSA** aborda temas que se relacionam à utilização de fontes e dados nas Ciências Humanas, explorando as formas e a importância da coleta e da produção de dados e informações para a apreensão de fenômenos sociais, a construção de conceitos, a definição de políticas públicas e o avanço da ciência.

MAIO | 2020 EDIÇÃO Nº 5

Diretor de conteúdo e negócios
Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor adjunto
Cayube Galas

Gerente editorial
Júlio Ibrahim

Gerente de produção e *design*
Letícia Mendes de Souza

Editora
Cláudia Pedro Winterstein

Editoras assistentes
Ana Araújo
Carolina Massuia de Paula

Coordenador de eficiência e *analytics*
Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de preparação e revisão
Adriana Soares de Souza

Preparação e revisão
Equipe FTD

Coordenadora de imagem e texto
Marcia Berne

Pesquisa
Equipe FTD

Coordenadora de criação
Daniela Máximo

Supervisor de produção e arte
Fabiano dos Santos Mariano

Projeto gráfico
Bruno Attilli

Editora de arte
Adriana Maria Nery de Souza

Créditos das imagens:
p.1. Stuart Manktelow/Alamy/Fotoarena; p.2. Ocskay Bence/Shutterstock.com; p.3. Tuca Vieira/Folhapress;
p.4. Frank Leonardo/New York Post Archives /(c) NYP Holdings, Inc. via Getty Images; p.6. Baz Ratner/REUTERS/Fotoarena;
p.7. Anrephoto/Shutterstock.com; p.8. João Prudente/Pulsar Imagens; p.9. Editoria de Arte; p.10. Daniel Cymbalista/Pulsar Imagens;
p.11. Acervo do autor; p.12. https://oxfam.org.br/; p.14. Kakigori Studio/Shutterstock.com